



Um novo critério de discernimento

A new discernment criterion

Fabrcio Veliq*

Resumo

Esse artigo tem o intuito de apresentar um novo critério de discernimento para a questão do diálogo inter-religioso de viés pneumatológico. Para isso, abordamos os critérios de discernimentos propostos por Jacques Dupuis, Stanley Samartha, Amos Yong e Jürgen Moltmann em suas tentativas de diálogo inter-religioso. Foi possível perceber algumas limitações nas respectivas propostas, como por exemplo, a ausência em se considerar a vida da natureza como critério de discernimento. Assim, a partir da pneumatologia moltmanniana, foi possível propor um novo critério de discernimento, ao qual demos o nome de vida em sua integralidade, de maneira que seja possível dizer que em qualquer religião em que a vida humana, animal e da natureza é afirmada em sua integralidade, ali se faz presente o Espírito de Deus.

Palavras-chave: Diálogo inter-religioso. Critério de discernimento. Pneumatologia.

Abstract

This article aims to present a new discernment criterion for pneumatological inter-religious dialogue. To do so, we have considered the discernment criterions proposed by Jacques Dupuis, Stanley Samartha, Amos Yong and Jürgen Moltmann in their inter-religious dialogue attempts. It was possible to realize that there are some limitations in their proposals, such as, the absence in consider the life of nature. Therefore, based on Moltmann's pneumatology it was possible to propose a new discernment criterion, which we have called life in its integrality. By doing that it is possible to say that wherever human life, nature's life and animal' life are affirmed in its integrality, there it is the presence of God's Spirit.

Keywords: Inter-religious dialogue. Discernment criterion. Pneumatology.

Artigo submetido em 21 de setembro de 2018 e aprovado em 20 de maio de 2020.

* Doutor em Teologia pela FAJE e pela Katholieke Universiteit Leuven. Professor do Centro Loyola de Espiritualidade, Fé e Cultura de Belo Horizonte. País de origem: Brasil. E-mail: fveliq@gmail.com

Introdução

A questão do pluralismo religioso não é um fenômeno novo no mundo em que vivemos. Desde muito tempo já existe a coexistência de religiões na Terra, de maneira que seria ingênuo de nossa parte pensar que essa questão se trata de algo que surgiu apenas no século XX. O Cristianismo, desde seu surgimento, se viu obrigado a conviver com as outras religiões e, de alguma forma, responder às suas questões (KÄRKKÄINEN, 2004, p. 2). Que isso tenha sido potencializado nos últimos séculos, principalmente com o advento da modernidade e pós-modernidade, podemos afirmar com certa certeza.

Mesmo convivendo com as religiões durante todo esse tempo, foi no século XX que o tema do diálogo inter-religioso veio à tona com maior ênfase no cenário do cristianismo, principalmente pós Vaticano II. Na tentativa de lidar com esse antigo fenômeno que se tornou “novo” no meio cristão e dar respostas cristãs a respeito da pluralidade das religiões é que surge a chamada Teologia Cristã das Religiões. Essa tem o intuito de refletir sobre a relação entre Deus e o fenômeno da religião a partir da fé cristã (YONG, 2003, p. 14), ou seja, “pensar teologicamente sobre o que significa para cristãos viver com pessoas de outras fés e sobre a relação do Cristianismo com outras religiões” (KÄRKKÄINEN, 2004, p. 2). Como expõe Kärkkäinen, alguns autores propõem que se chame “Teologia do Pluralismo Religioso”, uma vez que esse termo reflete melhor o desafio da teologia das religiões em nosso tempo.

A primeira tentativa para esse tipo de abordagem seguiu pelo viés cristológico, sendo comumente dividida entre as perspectivas exclusivistas, inclusivistas e pluralistas. Essas perspectivas, por sua vez, buscavam explicar como seria possível, a partir do cristianismo, encontrar elementos crísticos e salvíficos nas religiões que não pertenciam às matrizes cristãs, o que por sua vez, como mostra Amos Yong, gera um impasse na temática do diálogo inter-religioso (YONG, 2003, p. 26), visto ter como preocupação o caráter soteriológico ao invés de uma teologia das religiões propriamente dita.

É a partir desse ponto que uma nova abordagem para o diálogo inter-religioso começa a ser pensada, seguindo agora pelo viés pneumatológico. Nesse sentido, a preocupação sai de uma perspectiva somente soteriológica para buscar, a partir da categoria cristã do Espírito, no intuito de propor um diálogo que leve em conta às outras religiões por si mesmas e a maneira com a qual elas fazem a experiência de Deus. Ao mesmo tempo, pensar a ação do Espírito impõe ao cristianismo a tarefa de pensar critérios para discernir essa ação a partir de seu próprio escopo.

Este artigo quer, então, propor um novo critério para se pensar o discernimento do Espírito nas outras religiões, visando contribuir com a temática do diálogo inter-religioso pelo viés pneumatológico.

1 Teólogos e seus critérios de discernimento

Todos os teólogos que se debruçaram sobre esta temática, em algum momento de suas tentativas de justificar a ação do Espírito nas outras religiões, esbarraram-se com a questão do discernimento. Essa questão, por sua vez, não se mostra como uma tarefa fácil, uma vez que pressupõe que se tenha um bom conhecimento tanto da sua própria religião quanto daquela com a qual se quer estabelecer um diálogo.

Dessa forma, pensar os critérios de discernimento não deve ser visto como irrelevante, mas como corolário de uma teologia que se pretende entrar pelos caminhos do diálogo inter-religioso de viés pneumatológico.

Com isso em mente, apresentaremos as propostas de três teólogos no que tange à questão do discernimento do Espírito no diálogo inter-religioso, para propor um novo critério que visa complementar os já existentes.

1.1 Jacques Dupuis

O primeiro a abordar o tema do diálogo inter-religioso pelo viés pneumatológico foi Jacques Dupuis, conhecido teólogo jesuíta belga, nascido em

1923. Em sua obra, *Jesus Christ and His Spirit* expõe com clareza aquilo que entende dever ser a base para um diálogo inter-religioso:

Dialogo inter-religioso deve ser baseado no reconhecimento da presença ativa do Espírito Santo em outros; isso consiste no discernimento comum dos sussurros do Espírito experimentado por todos; tende a uma ação comum direcionada a construir na terra, em esperança e através do Espírito, uma irmandade universal de homens em Deus, que anuncia, mesmo que imperfeitamente, a realização da família de Deus no Reino celestial. (DUPUIS, 1976, p. 202).

Também, ao propor uma teologia do pluralismo religioso em viés trinitário, afirma que “a perspectiva trinitária sobre a teologia do pluralismo religioso pediria observações análogas sobre a presença universal permanente do Espírito”, de maneira que é possível ver que “o Espírito de Deus está universalmente presente e ativo, antes e depois do evento”, havendo uma “relação de condicionamento recíproco” entre o Espírito e o evento-Cristo pelo qual o Espírito pode ser chamado como Espírito de Cristo. (DUPUIS, 1999, p. 415).

Para Dupuis, o ponto de partida para o diálogo inter-religioso precisa ser a comunhão espiritual que surge de uma experiência de Deus compartilhada, uma vez que cada experiência com Deus é conhecida como uma colheita do Espírito nessa pessoa, mesmo que aquele que experimenta a presença de Deus não saiba que é o Espírito.

O trabalho do cristão nesse diálogo é, então, reconhecer a ação do Espírito naquele com quem dialoga em uma tarefa profética de interpretar o evento da salvação encontrado no outro para, em tempo oportuno, declarar a esse outro a fonte da salvação com o anúncio do evangelho. (DUPUIS, 1976, p. 203-204).

Juntamente com isso, Dupuis propõe um segundo ponto de abordagem para o diálogo entre cristãos e não cristãos. Esse outro ponto diz respeito aos que aderem às outras religiões e à experiência do Espírito que é feita por essas pessoas. Para ele, o teólogo cristão deve constantemente tentar ir além das ideias que os não cristãos fazem a respeito de Deus e dos conceitos que usam para falar do mistério divino, para que possam comungar, juntamente com aqueles que não são cristãos,

da experiência que fazem de Deus, uma vez que, do ponto de vista existencial, afirma Dupuis, “toda experiência, se ela é genuína e verdadeira, é uma experiência do Espírito, por mais inadequadamente identificada e imperfeitamente expressa”. (DUPUIS, 1976, p. 205).

Diante do exposto, não seria a tentativa de Dupuis de trabalhar o diálogo inter-religioso por meio da pneumatologia limitada e dentro de uma perspectiva inclusivista que segue pela linha de se ver superior às outras religiões, considerando-as apenas como estágios inferiores para a verdadeira religião que é encontrada no cristianismo, utilizando, assim, a antiga analogia das sementes do Verbo presente nas outras religiões?

1.2 Stanley Samartha

Um segundo teólogo que também se debruçou sobre a temática, estabelecendo critérios para um discernimento da ação do Espírito nas outras religiões foi Stanley Samartha. Este teólogo protestante, que já foi diretor da subunidade de diálogo da *World Council of Churches* e professor no *United Theological College*, em Bangalore, no sul da Ásia, traz pontos interessantes a respeito do diálogo inter-religioso pelo viés pneumatológico.

Sua primeira constatação em seu tempo é de que trabalhar no campo do diálogo inter-religioso é o mesmo que trabalhar em um campo minado, uma vez que se trata de um território ainda muito desconhecido. Em suas palavras:

é uma tarefa difícil e perigosa porque alguém tem que entrar em um território quase desconhecido o qual está liberalmente semeado de minas anti-heréticas. A chance de ser explodido em pedaços é muito real e as chances de colocar esses pedaços de volta são muito remotas. (SAMARTHA, 1990, p. 251).

Samartha está certo de que o pluralismo não relativiza verdade, mas, antes, relativiza as diferentes respostas à verdade que são condicionadas pela história e pela cultura. Dessa forma, os que aceitam a questão da pluralidade não estão, com isso, abrindo mão de seus critérios de crítica, baseado no comprometimento que

têm em relação ao absoluto, de julgar e rejeitar quaisquer elementos demoníacos, sejam eles de caráter religioso ou de caráter ideológico. (SAMARTHA, 1990, p. 253).

Preocupado com a questão do discernimento do Espírito nas outras religiões sugere que se olhe para os frutos do Espírito antes de se olhar para uma questão de doutrina. E, embora com isso não desconsidere a necessidade de se pensar questões doutrinárias, no que tange à questão do discernimento, acredita que se basear nos frutos do Espírito na vida das pessoas é uma tarefa mais facilmente reconhecida. (SAMARTHA, 1990, p. 256-257).

Em suas palavras:

Vida deve ter precedência à doutrina. Fé não pode ser imposta à história. Fé emerge da experiência histórica das pessoas; isto é, respostas às iniciativas do Espírito na vida das pessoas que participam na feitura da história contemporânea. Uma doutrina do Espírito pode ter que emergir da reflexão teológica sobre a experiência das pessoas na história. (SAMARTHA, 1990, p. 258).

Samartha, com isso, tenta apreender características do Espírito que podem ser percebidas no mundo. Para ele, liberdade, espontaneidade e sua imprevisibilidade são características do Espírito, bem como o fato do Espírito ser como “vento que sopra onde quer”, o que, segundo ele, torna impossível para nós definirmos alguma fronteira de ação ou de presença do Espírito.

Por último, Samartha reconhece como sendo marca do Espírito o poder de trazer novos relacionamentos e, conseqüentemente, novas comunidades. O Espírito, dessa forma, é aquele que destrói as velhas e opressivas estruturas da vida, tais como os dogmas obsoletos, rituais sem significado, instituições opressivas e barreiras que separam as pessoas, fazendo emergir uma nova vida, bem como dando força e vitalidade para se levantar contra as injustiças e opressões existentes na sociedade. Assim, “novas comunidades são formadas tanto como ferramentas de luta contra injustiça quanto como resultado de diferentes povos se unido em torno de um propósito comum”. (SAMARTHA, 1990, p. 258).

O ponto de Samartha onde podemos identificar a ação do Espírito é nas ações, ou seja, por meio dos frutos do Espírito que são manifestados nesses atos. Se as ações são semelhantes, é possível dizer que um age de acordo com o Espírito e o outro não? É possível negar a presença do Espírito naqueles que fazem o bem ao seu próximo?

Assim,

para os cristãos, esses frutos éticos são enraizados em sua fé em Deus através de Cristo e no poder do Espírito. Sem estar em Deus ninguém pode produzir os frutos do Espírito de Deus. Para os cristãos, estar em Cristo é o mesmo que estar em Deus. Mas em um mundo religiosamente plural, estar em Cristo não é a única maneira de estar em Deus. (SAMARTHA, 1990, p. 259).

Enquanto reconhece que no Cristianismo Cristo seja o fator de controle no discernimento do Espírito, ainda assim percebe que discernir o Espírito de Deus nas outras religiões é uma tarefa desafiadora para o tempo que vivemos e insiste que onde os frutos do Espírito estão presentes, ali também está presente o Espírito de Deus. Com isso não pressupõe que as obras tomem o lugar da fé, uma vez que reconhece também que muitas ações podem também sufocar o Espírito. (SAMARTHA, 1996, p. 184).

No entanto, considera um erro focar somente na questão do discernimento por meio das ações éticas e chama a atenção para a marca da interioridade, ou como prefere “o poder de enraizar a vida do povo de Deus nas profundezas de Deus. O Espírito como o Deus que íntimo capacita as pessoas a habitar em Deus” (SAMARTHA, 1996, p. 261). Dessa forma, por mais que seja difícil identificar essa marca do Espírito, Samartha acredita que essa é autoautenticada em todas as religiões, não necessitando de provas.

1.3 Amos Yong

Dentre todos, talvez seja aquele que mais se preocupou em pensar os critérios de discernimento da ação do Espírito. Talvez, fruto de seu viés analítico, a validação dos critérios seja algo importante para ele, vindo tanto da atividade do

Espírito como dom, quanto do trabalho fenomenológico (observar para se ter discernimento) e teológico de comparar. (YONG, 2003, p. 163-164).

Yong chama a atenção para o problema da salvação, ou seja, se nas outras religiões encontramos aquilo que nós cristãos chamamos de salvação. Embora reconheça que seja uma tarefa importante para se pensar, acredita que esse problema é posto prematuramente. Afinal, se pensarmos que as religiões mediam a salvação cristã, estaríamos distorcendo aquilo que aquelas religiões acreditam a respeito de si mesmas e mudando os parâmetros da discussão.

O discernimento requerido presentemente não é tanto sobre aquilo que identifica o que é bom, verdadeiro, nobre, e salvífico nas religiões, mas se aquilo que se compreende como bondade, verdade, mobilidade, e salvação como os cristãos os entendem são ou não são aplicados às várias religiões. (YONG, 2003, p. 171-172).

Dessa forma, considera importante que, caso queiramos dialogar com as outras religiões, seja necessário acessar essas tradições religiosas, incluindo seus critérios e normas, em seus próprios termos. Para ele, isso é entender a religião do outro. Assim, são necessários, ao menos, critérios normativos que surjam tanto a partir da tradição cristã, como também aquilo que denomina como “critério genérico” que pode ser aplicado às outras tradições religiosas e culturas. Em seu pensamento, isso quer dizer que se as normas cristãs forem aplicadas às religiões não cristãs, as normas budistas às religiões não budistas e por aí vai, continuaremos a desenvolver uma criteriologia “não genérica”. (YONG, 2003, p. 173).

Assim, “discernir as religiões envolve desenvolver habilidades não somente para reconhecer heterodoxias, mas também para identificar heteropraxis”. (YONG, 2003, p. 174).

Em adição a isso, Yong propõe três questões para se trabalhar a questão do discernimento do Espírito (YONG, 2005, p. 253-257). A primeira é discernir os vários fatores de fundo no encontro com as outras religiões, uma vez que os

contextos também são plurais e envolvem a cultura, a economia, a história, dentre outros fatores.

Em segundo, precisamos prestar muita atenção sobre aquilo que demanda discernimento, uma vez que o discernimento somente se faz sobre realidades concretas. Assim, segundo Yong, precisamos aprender a observar a outra fé de uma perspectiva de quem está dentro dela para evitar olharmos com nossos próprios preconceitos. Nesse sentido, o discernimento tem a ver em saber medir a realidade com critérios previamente estabelecidos para determinar congruência ou divergência¹.

Nosso teólogo não vê a questão do discernimento como uma tarefa fácil e também não pensa que se trata somente de uma matéria meramente intelectual, embora considere necessário ler os textos das outras religiões. Para ele, discernimento requer uma “mentalidade encarnacional, feita possível pelo Espírito do Pentecostes, que estão dispostos a sujar as mãos com e na particularidade das vidas religiosas e práticas daqueles em outras fés” (YONG, 2005, p. 254). O discernimento é sempre provisional e, dessa forma, sempre requer que o verifiquemos novamente a fim de sustentar as conclusões obtidas.

Para Yong, discernir o Espírito implica em uma investigação multinivelada que é mais bem medida pelos frutos. Esse exercício de discernimento com relação às outras religiões, em um nível, transforma nossa maneira de as entendermos e também de abordá-las, da mesma forma que também as afeta e, em outro nível, também nos auxilia sobre nosso autoentendimento enquanto cristãos. “Entrar em relacionamentos é ser transformado por eles, assim como todos os relacionamentos genuínos são dialógicos”. (YONG, 2005, p. 255).

O último nível proposto por Yong trata a respeito dos critérios de discernimento (YONG, 2005, p. 256). Para os critérios, Yong vê em primeiro lugar

¹ Essa questão também é abordada em seu artigo (YONG, 1998, p. 452-453), em que afirma que “discernir o Espírito nas religiões necessita da aplicação de critérios cristológicos em algum momento do processo, mas a integridade da outra tradição também precisa ser respeitada. Isso só pode ocorrer se começarmos com o que ele representa como importante sobre si mesmo e concluirmos assegurando que nada considerado valioso em seus próprios termos tenha sido perdido no processo”.

os frutos do Espírito. Nesse sentido, devemos sempre perguntar se eles são manifestados no fenômeno religioso em questão. Em segundo, as obras do Reino manifestadas na vida e ministério de Cristo, uma vez que o Espírito testemunha Jesus. Devemos nos perguntar se isso é visto no fenômeno religioso que estamos observando. Terceiro, se a salvação, entendida em várias dimensões, pode ser discernida nas outras religiões. Quarto, se a conversão nos vários domínios humanos acontece na vida daqueles que estão nas outras religiões. Em quinto lugar, se a marca eclesial da santidade, entendida como sendo perceptível e escatológica, é discernível, mesmo que de maneira turva no fenômeno religioso observado.

Yong está ciente que a questão do discernimento causa mais perguntas do que respostas e assim, é perda de tempo tentar dar respostas rápidas a essas questões. Para ele, nem todos são chamados ao diálogo inter-religioso, mas todos são chamados para serem testemunhas de Cristo para às outras religiões e faz parte de ser testemunha de Cristo o diálogo com o outro. (YONG, 2005, p. 256).

Com isso todo esse desafio, reconhece que a verdade em definitivo somente será revelada no dia do Senhor. Contudo, é necessário sair das abordagens tradicionais caso se queira avançar na questão do diálogo inter-religioso. Em suas palavras:

Finalmente, a vida cristã é uma jornada rumo à verdade que é para ser revelada completamente no dia do Senhor. Vida no Espírito, direcionada rumo ao objetivo escatológico (cf. João 16,13; 1João 2.27), será empobrecida e debilitada se as questões difíceis concernentes às religiões são subordinadas às tarefas pragmáticas da missão e evangelização mundial, tradicionalmente entendida. (YONG, 2005, p. 257).

2 Um novo critério possível

Diante desse cenário, em que diversos teólogos de grande calibre colocam suas observações a respeito dos critérios de discernimento, seria possível pensar em mais algum que não tenha sido abordado, seja a partir da via analítica de Amos

Yong, seja por meio dos critérios éticos e da ação de Samartha, ou ainda, por meio do viés de cunho mais tradicional trazido por Jacques Dupuis?

Nossa proposta é que sim. Para isso, tomamos como base o pensamento de Jürgen Moltmann, famoso teólogo reformado que, recentemente, em termos históricos, escreveu uma pneumatologia que é conectada com a concretude da vida. Sua pneumatologia, ao mesmo tempo em que possui um forte caráter trinitário, também traz em seu bojo aquilo que chama de transcendência imanente, o que em outras palavras, quer dizer que toda experiência humana é uma experiência de Deus. Em suas palavras:

Com vistas à dimensão da teologia, proponho que se desista da estreita referência à autoconsciência moderna e que se descubra transcendência em toda experiência, e não apenas na autoexperiência. Para esta finalidade temos à nossa disposição o conceito de transcendência imanente. Toda experiência que vem ao nosso encontro, ou que nós fazemos, pode ter um dentro transcendente. A experiência do Espírito de Deus não está limitada à autoexperiência do sujeito humano, mas é um elemento constitutivo também na experiência do Tu, na experiência da comunhão e na experiência da natureza. (...) Por isso a experiência de Deus é possível em, com e ao lado de toda experiência diária do mundo, na medida em que Deus está em todas as coisas e todas as coisas estão em Deus, e, portanto o próprio Deus, à sua maneira, “experimenta” todas as coisas. Se as experiências de Deus contêm experiências de vida, como o mostra toda interpretação existencial, também podemos, considerando do lado oposto, dizer que as experiências de vida contêm experiências de Deus. (MOLTMANN, 1991, p. 44).

Assim como o é a experiência, a criação é também permeada pelo Espírito de Deus. Deus está presente em sua criação por meio do seu Espírito e toda a criação é perpassada por ele. Para Moltmann, Deus também está presente nas estruturas materiais. Dessa forma, não podemos pensar em uma matéria desespiritualizada e nem em um espírito imaterial. Assim, as informações que determinam todos os sistemas de matéria e de vida devem ser designados de Espírito. Nas pessoas, elas tornam consciência de uma forma criadora. Neste sentido, todo o cosmos pode ser considerado conforme a Deus por ter sido criado por Deus, o Espírito, e existir em Deus, o Espírito. Assim, também se movimenta e se desenvolve nas energias e nas forças do Espírito divino. (MOLTMANN, 1993, p. 305).

Com isso, Moltmann procura entender a natureza de forma pneumatológica, sob a doutrina trinitária e não de forma panteísta, uma vez que, em seu pensamento, o Deus presente na natureza e em cada parte dela é o Espírito criador. O futuro da criação, assim, implica na abertura de todos os sistemas de vida para a plenitude da vida e sua não solidificação, ou seja, insere-se na plenitude da vida de Deus. (MOLTMANN, 1993, p. 305-306).

Dessa forma, o “Espírito é aquilo que acontece de forma a promover vida entre pessoas” (MOLTMANN, 1993, p. 378-379), e que é experimentado no amor incondicional. No pensamento moltmanniano, é através do Espírito que fazemos a experiência de sermos amados por Deus e como resultado disso passamos a ver a todos também como amados por Deus. Pela fé, já experimentamos a salvação e a libertação dos pecados e isso deve se refletir em serviço em favor dos outros e em engajamento no mundo torto por causa do pecado. Nesse sentido, a vida no Espírito é uma antecipação da vida na nova criação de todas as coisas. (cf. MOLTMANN, 1994, p. 59-70).

No que tange ao discernimento dos espíritos, o critério proposto por Moltmann é bem simples e direto. Esse critério é a cruz de Cristo. Dessa forma, todo espírito que permanece ao passar pelo crivo da cruz de Cristo e àquilo que é manifestado nela, procede de Deus. Caso contrário, esse espírito não procede do Pai e deve ser considerado demoníaco.

Em suas palavras:

Como qualquer leitor pode reconhecer, para mim, o verdadeiro critério para o discernimento espiritual é a cruz e o discipulado (*Nachfolge*) de Cristo no qual tomamos nossa cruz. Aquilo que permanece quando é confrontado com o Crucificado é Espírito do seu Espírito; qualquer coisa que não pode permanecer em sua presença é anticristã e demoníaca. (MOLTMANN, 1994, p. 67).

Tendo em mente a pneumatologia encarnada proposta por Moltmann, que é totalmente comprometida com a vivência e a experiência humana, de maneira que há o envolvimento do Espírito com o mundo da criação e com a vivência da

humanidade, é possível dizer que em seu pensamento se rompe a dicotomia entre transcendência e imanência ao pensarmos a ação do Espírito.

Ao termos em mente que toda a experiência humana é também uma experiência do próprio Deus, então os eventos do mundo e os eventos da natureza não podem ser considerados como alheios a esse Deus. Esse Espírito, então, age no mundo de formas efetivas, trazendo paz, libertação, conforto, comunhão e quebrando os ciclos demoníacos e de morte que se encontram em nossa sociedade. Como esse Espírito não é outro senão o Espírito de Cristo, sua obra no mundo é antecipação daquilo que aconteceu com o próprio Jesus em sua ressurreição, ou seja, vida que nasce da morte.

Perceber o Espírito de Deus em cada experiência humana, a nosso ver, também abre as portas para que possamos dialogar com as outras religiões. Se partirmos do pressuposto de que o Espírito de Deus é a fonte de vida, então ali onde as formas de vida são afirmadas e incentivadas, de maneira que solidifiquem sua dignidade, ali também está a ação do Espírito de Deus, independentemente de qual seja o povo, a cultura e a religião. Assim, podemos dizer que também se trata de uma pneumatologia que tem como consequência a abertura ao outro.

Levar isso às últimas consequências nos faz, enquanto cristãos, abrir mão de toda e qualquer forma de imperialismo em nossa evangelização, bem como nos convida a nos esvaziar de todo e qualquer preconceito em relação às outras religiões e culturas.

Dessa forma, a tese defendida nesse artigo é de que a pneumatologia de Moltmann lança uma nova luz com relação à questão do discernimento dos espíritos. Embora seja, como mostramos, muito simples o critério de discernimento dos espíritos proposto por ele, a nosso ver, esse critério nos convida a repensarmos a forma como vemos os diversos espíritos que agem na sociedade, seja culturalmente, seja religiosamente.

Vimos que esse critério se baseia na cruz de Cristo. Aquilo que permanece após passar pelo crivo da cruz de Cristo vem do Espírito de Deus, e aquilo que não permanece não pode vir Dele. Nesse ponto, novamente reforçamos o caráter trinitário que Moltmann enfatiza ao falar a respeito do Espírito. Esse Espírito está totalmente ligado à cruz e ao amor que se entrega em benefício dos outros e é percebido na pessoa de Jesus Cristo.

Permanecer ao crivo da cruz tem a característica de que ela é colocada como parâmetro para qualquer “medida” a respeito dos espíritos. Diante daquilo que vemos na cruz de Cristo, ou seja, um amor autosacrificial, que se esvazia de si mesmo em prol dos outros e que não busca os seus próprios interesses, todo e qualquer espírito deve ser discernido.

Devemos lembrar que falamos a partir de uma doutrina cristã do discernimento dos espíritos e, nesse sentido, todo e qualquer discernimento deve partir de uma premissa cristã. Isso não quer dizer que se coloca o cristianismo como o melhor critério para o discernimento, antes que, em um diálogo com as outras religiões, se quisermos manter nossa identidade, precisamos apresentar de forma cristã esses critérios.

Como a própria cruz, no pensamento moltmanniano, é também um evento trinitário, pensar a cruz é também pensar a respeito do Espírito. Assim, podemos falar a respeito do Espírito que está presente na cruz e na ressurreição de Cristo e, dessa forma, falar a respeito do Espírito que faz a vida vencer a morte. Assim, a pneumatologia de Moltmann pode ser usada como corolário do critério da cruz, de maneira que possamos dizer que todo espírito que resiste à vida que nasce a partir do Espírito que se manifesta na cruz, não provém do próprio Deus.

A consequência disso para o diálogo inter-religioso, a nosso ver, se mostra bastante clara. Ali onde a vida é afirmada em todas as suas formas, seja humana, seja animal, seja a da natureza, ali se faz presente o Espírito de Deus. A esse novo critério damos o nome de vida em sua integralidade. Nesse sentido, ao dialogarmos

de maneira cristã, temos que procurar o que nas outras religiões promove a vida para ali podermos identificar a ação ou não do Espírito de Deus.

Coerentemente com o pensamento de Moltmann em que os demônios são “forças pessoais de destruição” (MOLTMANN, 1991, p. 182), podemos dizer que todo espírito que vai contra essas forças pessoais de destruição provém do Espírito de Deus.

A nosso ver, isso também abre um leque para o diálogo inter-religioso, uma vez que afasta do cristianismo toda ideia de que conosco se encontra a religião santa e pura, enquanto nas outras reina o reino das trevas e as ações demoníacas. Muito pelo contrário, considerar os demônios como forças pessoais de destruição, nos leva a uma ação de discernimento constante a fim de discernirmos as ações demoníacas em todas as religiões, inclusive no próprio cristianismo.

Nesse sentido, o critério da promoção da vida e sua afirmação em todos os seus modos de existência, ao mesmo tempo em que corrige as visões quase animistas de alguns segmentos pentecostais, também traz melhor compreensão acerca da cruz como critério de discernimento, como proposto por Moltmann.

Conclusão

Neste artigo mostramos como alguns teólogos desenvolveram seus critérios de discernimento para abordar o diálogo inter-religioso pelo viés pneumatológico. Diante do exposto é possível perceber que Jacques Dupuis segue pela via tradicionalista, considerando a Igreja como lugar de excelência para a revelação de Deus. Mesmo não explicitando um critério específico, não seria difícil que esse seria a aderência aos dogmas. Uma vez que a Igreja, em seu pensamento, é a responsável por levar as outras religiões ao pleno conhecimento da verdade e a ensiná-las a respeito do real sentido daquilo que fazem, então tudo aquilo que se adequa a ela provém de Deus em sua perfeição e tudo que não se adequa está em seu estado imperfeito.

Por outro lado, Stanley Samartha, partindo do pressuposto que o pluralismo religioso não relativiza a verdade, é capaz de propor um critério de discernimento que tem o seu caráter objetivo e seu caráter subjetivo. Do lado objetivo esse critério se funda sobre as ações éticas, ou também os chamados frutos do Espírito e, do lado subjetivo, tem a ver com a marca da interioridade que não precisa de provas.

Essa marca da interioridade que, como mostramos, é também marca do Espírito pode ser identificada, para Samartha, no trazer novos relacionamentos e novas comunidades, destruir as velhas e opressivas estruturas da vida, fazendo emergir uma nova vida que tenha força para lutar contra as injustiças do mundo².

Esses dois critérios, por sua vez, não devem ser tomados de forma separada. Avaliar somente o compromisso ético sem a marca da interioridade é algo com o qual Samartha não concordaria. À luz do pensamento de Moltmann, também não podemos concordar que se tenha somente o critério ético, uma vez que nem todo fruto ético pode ser considerado um fruto do Espírito.

Isso é facilmente verificado tomando-se um ato eticamente correto que não é feito em amor. Nesse sentido, embora o ato seja eticamente louvável, interiormente ele se torna digno de total descrédito. Nisso, é preciso lembrar que nem sempre os atos misericordiosos são virtuosos por si só.

Diante disso, o critério de discernimento proposto por Samartha torna-se um critério interessante. Ainda que seja possível perceber, em seu lado subjetivo, um critério de forte caráter social, esse lado considera somente as estruturas de vida em sua relação humana, desconsiderando totalmente a vida da própria natureza.

Amos Yong, por sua vez, foi o que mais se preocupou em abordar os critérios de discernimento para o diálogo pneumatológico das religiões, ainda que não tenha desenvolvido esses critérios de maneira detalhada. Sua maior preocupação, que

² Como pode ser percebido, essa temática se assemelha muito àquilo que Moltmann dirá a respeito do Espírito da Vida e sua força criadora de vida e libertação da morte. Até que ponto Moltmann conheceu o trabalho de Samartha não é possível dizer a partir das suas obras, visto não termos encontrado nenhuma referência ao trabalho de Samartha feita por Moltmann em sua obra.

pode ser percebida ao longo de seus textos, é com a questão do demoníaco, que ele define como sendo a ausência de Deus. Assim, discernir os espíritos nas outras religiões tem a ver com identificar a presença de Deus ou do demoníaco nelas.

Para ele, o mundo é imerso no pecado e, dessa forma, a completa manifestação da Palavra e do Espírito se mostram distorcidas e emudecidas, uma vez que esse pecado faz com que o mundo somente reflita a Palavra e o Espírito em algum grau, mas nunca de maneira perfeita. Com isso, o que propõe é uma hierarquização das manifestações do Espírito, da Palavra e do próprio demoníaco.

Diante disso, a pneumatologia de Moltmann vem em grande auxílio. Diante da proposta de Samartha, uma vez que, além das ações éticas e da promoção de vida social nas diversas estruturas da vida que deduzimos da proposta de Samartha, a vida da natureza precisa ser considerada e, assim, a promoção da vida individual, da comunidade e da natureza deve ser, à luz do pensamento moltmanniano, um complemento para o critério de discernimento proposto por Samartha.

Da mesma forma, à luz do pensamento de Moltmann, é possível fazer algumas perguntas a Yong a respeito da força do pecado frente ao Espírito da vida. Será que o pecado do mundo é tão forte a ponto de ser capaz de distorcer e até emudecer a manifestação da Palavra e do Espírito? A ação do Espírito estaria condicionada a essa postura humana fruto do pecado? Como fica a manifestação do Espírito na natureza? Ela deve ser desconsiderada, uma vez que, pelo fato de a natureza não ser dotada de liberdade e vontade, não tem opção senão continuar sofrendo as consequências do pecado do mundo? Ora, se o pecado gera a morte e esse pecado emudece e distorce a manifestação de Deus, a morte é mais poderosa do que o Espírito que dá a vida a toda criação?

Tendo como ponto de partida a pneumatologia de Moltmann é possível para nós estabelecer um novo critério de discernimento, ao qual chamamos de vida em sua integralidade, de maneira que possamos dizer que em qualquer religião em que a vida é afirmada em todas as suas formas, seja a vida humana, seja a vida animal,

seja a vida da natureza, ali está presente o Espírito de Deus, agindo e promovendo vida que vence a morte. Com isso, acreditamos dar um passo a mais no longo caminho da promoção do diálogo entre as religiões, visando um mundo melhor de se viver.

REFERÊNCIAS

DUPUIS, Jacques. **Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso**. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 600.

DUPUIS, James. **Jesus Christ and His Spirit**. Nova Delhi: Theological Publicatinos in India, 1976. p. 261.

KÄRKKÄINEN, Velli-Matti. **Trinity and religious pluralism: the doctrine of trinity in Christian theology of religions**. Aldershot: Ashgate, 2004.

MOLTMANN, Jürgen. A response to my Pentecostal dialogue partness. **Journal of Pentecostal Theology**, Cleveland, v. 2, n. 4, p. 59-70, 1994.

MOLTMANN, Jürgen. **Deus na criação: doutrina ecológica da criação**. Petrópolis: Vozes, 1993. 453 p.

MOLTMANN, Jürgen. **O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. p. 301.

SAMARTHA, Stanley J. **Between two cultures: ecumenical ministry in a pluralistic world**. Geneva: WCC, 1996. p. 202.

SAMARTHA, Stanley J. The Holy Spirit and People of Other faiths. **The Ecumenical Review**, Geneva, v. 42, n. 4, p. 250-263, 1990.

YONG, Amos. **Beyond the impasse: toward a pneumatological theology of religions**. Minnesota: Baker Academic, 2003.

YONG. Amos. **The Spirit poured out on all flesh: pentecostalism and the possibility of global theology**. Michigan: Baker Academic, 2005. p. 320.

YONG. Amos. The turn to pneumatology in Christian theology of religions: conduit or detour?. **Journal of Ecumenical Studies**, Philadelphia, v. 35, n. 3-4, p. 437-454, Summer/Fall, 1998.